

A DUPLA CARREIRA: DESAFIOS ENTRE O ESPORTE, FAMÍLIA E A VIDA ACADÊMICA

DUAL CARRER: CHALLENGERS BETWEEN SPORTS, FAMILY AND ACADEMIC LIFE

Marcio Gabriel Romão¹ - Centro Universitário Serra dos Órgãos

RESUMO

A rotina entre esporte e a vida acadêmica, implica em ter uma dedicação intensa de forma cotidiana. A rotina esportiva acarreta a necessidade de investimento na preparação técnica e física, assim como em viagens e a participação em competições. E com o avanço nas etapas que antecedem o profissionalismo, a necessidade de investimento aumenta consideravelmente. No viés acadêmico as diretrizes educacionais brasileiras indicam a obrigatoriedade da participação nos bancos escolares durante o período etário correspondente ao ensino fundamental e ensino médio. Já no ensino superior o investimento no esporte pode estar associado à possibilidade de ascensão por intermédio de bolsa de estudo e participação no esporte. A potencialização de políticas públicas é um caminho utilizado por setores públicos e privados com forma de apoiar a continuidade dos atletas seja por um regime de atendimento diferenciado, com abono de faltas, pela manutenção de bolsas de estudo e até mesmo apoio financeiro. Além da participação fundamental de familiares.

Palavras-chave: esporte; profissão; educação; família; conciliação

ABSTRACT

The balance between sports and academic life requires intense daily dedication. The sports routine entails the need for investment in technical and physical preparation, as well as travel and participation in competitions. And as progress progresses through the stages leading up to professionalism, the need for investment increases considerably. From an academic perspective, Brazilian educational guidelines recommend mandatory participation in school during elementary and high school. In higher education, investment in sports can be associated with the possibility of advancement through scholarships and participation in sports. Leveraging public policies is a path used by both the public and private sectors to support athletes' continued participation, whether through a differentiated service regime, absence allowances, continued scholarships, or even financial support. In addition, family involvement is crucial.

Keywords: sport; profession; education; family; conciliation

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor Universitário no Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso), Teresópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Estrada de Camorim, 120 Bl.3 Apto:307, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 22780-070. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5833-8774>
E-mail: marcioromao@unifeso.edu.br

RESUMEN

El equilibrio entre la vida deportiva y académica exige una intensa dedicación diaria. La rutina deportiva implica la necesidad de invertir en preparación técnica y física, así como en viajes y participación en competiciones. Y a medida que se avanza en las etapas que conducen al profesionalismo, la necesidad de inversión aumenta considerablemente. Desde una perspectiva académica, las directrices educativas brasileñas recomiendan la participación obligatoria en la escuela durante la primaria y la secundaria. En la educación superior, la inversión en deporte puede asociarse con la posibilidad de ascender mediante becas y la participación en actividades deportivas. El aprovechamiento de las políticas públicas es una vía utilizada tanto por el sector público como por el privado para apoyar la participación continua de los atletas, ya sea mediante un régimen de servicio diferenciado, subsidios por ausencias, becas continuas o incluso apoyo financiero. Además, la participación familiar es crucial.

Palabras clave: deporte; profesión; educación; familia; conciliación

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca atribuir interpretações às narrativas de jovens atletas sobre a participação das suas respectivas famílias no campo de construção esportiva. Dessa forma, pretende contribuir e aprofundar o conhecimento sobre os caminhos que envolvem a construção da carreira de atleta. O estudante atleta vivencia as consequências de uma rotina que está dividida entre aspectos esportivos e educacionais. Esses aspectos enquadram o jovem atleta em uma categoria que a literatura nacional e internacional identifica como sendo uma dupla carreira (COSTA E SILVA, 2016; CORREIA, 2014).

A família no seu desenvolvimento acaba inevitavelmente criando caminhos que a partir do diálogo com outros espaços e até mesmo com outras famílias acaba criando aproximações ou distanciamentos, é assim, que de um modo geral as famílias agem em relação ao campo esportivo. A família é a primeira rede de socialização do indivíduo, por isso, tende a influenciar mecanismos que permitem acesso a locais e gostos que possibilitam o interesse ou desinteresse de seus membros. Há um interesse e uma percepção sobre o que pode ser compreendido como sendo positivo para a família. Desse modo, as famílias contribuem para que projetos individuais surjam a partir dos objetivos familiares. A família, espaço de aprendizado não formal cria ligações, cria laços que podem ser considerados fortes ou fracos a partir do interesse que existe (BOTT, 1950).

O aprendiz atleta se enquadra no contexto da rotina esportiva desde muito cedo. Além do cumprimento das obrigações escolares, há também, o cumprimento dos deveres relacionados a sua carreira que pode ser considerado uma atividade profissional. O aprendiz atleta se diferencia dos demais alunos por duas razões: a primeira, é o fato de estarem em uma situação de dupla carreira no esporte e na escola; a segunda, é que a carreira esportiva pode vir acompanhada de uma estigmatização baseado no glamour do esporte espetáculo, produzindo relações tensionadas pelas crenças do senso comum e o cotidiano do jovem atleta (CORREIA, 2014). A partir de então, o jovem atleta pode projetar seus principais sonhos de realização pessoal na figura do esporte, deixando de lado os bancos escolares, enquanto, os demais alunos podem acreditar que sua permanência nos referidos bancos pode vir a contribuir de alguma forma na obtenção de empregos futuros.

Assim, sob a tutela da família ou não, o jovem atleta passa todo o período de formação interagindo com os diversos estímulos das duas instituições às quais se dedica: o esporte e a escola. A família está ao lado do aprendiz durante período compreendido socialmente como importante, momento identificado como sendo de formação. A leitura de como cada espaço pode auxiliar ou não o projeto de profissionalização no esporte deve ser debatido pela agência família. Dessa forma, as ações que permitem a participação no campo esportivo são importantes mecanismos que se estruturam e contribuem para que o desenho familiar seja construído, assim, os atores assumem seus papéis entrando em cena de forma direta ou indireta nas ações que formam os jovens.

O presente texto busca, portanto, identificar a partir das narrativas dos jovens atletas quais os elementos que pertencem ao envolvimento familiar na elaboração do projeto individual de carreira desse jovem em formação. Vamos acreditar que os jovens atletas aceitaram o desafio de interagir com os estímulos produzidos por duas agências de formação com projetos distintos. E podemos sugerir que a decisão da família em participar no diálogo entre o esporte e a escola pode indicar ao jovem atleta os caminhos e estratégias que devem seguir para concretizar o seu objetivo de vida.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para dialogar com o objetivo deste trabalho será utilizado autores que contribuem de forma densa para compreensão do fenômeno sociológico. Norbert Elias (1992), busca aprofundar o entendimento das relações, há conceitos como o processo civilizador, que traz a necessidade de explorar as normas e comportamentos sociais, que se enquadram no cenário em que buscamos lançar luz.

Bott (1950) é uma estrutura central, pois, desenvolve em seu trabalho sobre família e rede social, aproximações com a realidade instaurada no seio familiar. Se debruça sobre as interações entre os atores envolvidos, e como cada um exerce seu papel na instituição família.

Velho (2003) dialoga com a ideia de projeto e metamorfose, estabiliza e equilibra os projetos como desenhados a partir da realidade individual. Apesar do projeto ser individual, há uma rede de colaboradores que apoiam e que também influenciam as decisões em todos os setores. Então, o projeto está em constante mudança.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010, apresentam a definição de família, suas diferentes composições e sua função específica; abordam-se a especificidade da escola e a interdependência existente entre a família e esse sistema. Exploram-se concepções acerca desta relação, às quais são divididas entre enfoque sociológico e psicológico. Relatos de pesquisas que investigaram essa relação sob o ponto de vista dos diferentes atores envolvidos.

Correia (2014), aponta que o principal problema abordado no estudo é compreender, de acordo com as configurações de cada modalidade, por que alguns jovens decidem dividir a sua rotina diária entre duas atividades que exigem tempo e dedicação; e como eles realizam essa conciliação.

Costa e Silva (2016), problematiza a relação constituída entre a escolarização formal e a formação profissional para o esporte de alto desempenho, vivida por jovens que optam em conciliar essa dupla carreira nessa fase da vida.

METODOLOGIA

Esta seção abrange os procedimentos metodológicos utilizados no presente estudo, especifica o desenho do estudo e os instrumentos, população e amostra, procedimentos de análise, e os procedimentos éticos.

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo. A presente pesquisa teve duas fases de coletas de dados. Na primeira fase utilizamos um questionário de questões abertas para entender a rotina diária dos jovens atletas para atender às demandas de treino, estudos e lazer. Através do questionário utilizado na primeira fase buscou-se adquirir informações sobre o tempo gasto no deslocamento dos atletas para locais como a escola, o local de treinamento, cursos, assim como, as relações sobre o tempo de treinamento, nível educacional dos atletas e dos seus pais, informações sobre a escola. A segunda fase de coleta de dados ocorreu a partir de uma entrevista semiestruturada visando aprofundar tópicos que foram sondados já no questionário trabalhado na primeira fase.

Neste trabalho será apresentado as falas de 18 jovens atletas selecionados que participaram da primeira fase da pesquisa, e após a participação da primeira fase, demonstraram o interesse de seguir contribuindo com o estudo, assim, o presente estudo é um recorte de uma pesquisa maior. A lista inicial de atletas contou com 212 estudantes-atletas, que cor-

respondem aos atletas do Programa Bolsa Atleta que foram contemplados com o auxílio do governo federal e estavam inseridos na categoria estudantil, no ano de 2011 e receberam o auxílio no ano de 2012, totalizando. Após contato com os 212 atletas, conseguimos aplicar questionários para uma amostra de 166 atletas em sua primeira etapa, onde os atletas responderam o *survey* com questões fechadas. As entrevistas foram realizadas a fim de aprofundar temas relacionados à formação esportiva, educacional e familiar. Os atletas possuem idades entre 14 e 24 anos. Os atletas no momento das entrevistas residiam nos seguintes estados: Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Brasília e Paraná. Tais atletas foram selecionados a partir do interesse de continuar participando da pesquisa.

O primeiro contato foi realizado a partir de uma carta-convite, enviada pelos Correios, que informava os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como a justificativa de realização da mesma. Após 15 dias do envio do convite, foi iniciado o contato através da utilização do SKYPE ou telefone fixo. O pesquisador se apresentava e, caso o atleta não tivesse recebido o documento via Correios, explicava o contexto da pesquisa e realizava o convite para sua participação. Foi criado também uma página na rede social Facebook para aumentar a interação entre os pesquisadores e atletas.

Antes da aplicação dos questionários, explicamos aos atletas os objetivos da pesquisa, e deixamos claro para os atletas que eles não teriam suas identidades reveladas na pesquisa.

Com as informações coletadas na primeira etapa da pesquisa, os dados foram inseridos em uma planilha no programa Microsoft Excel e a análise estatística foi realizada com o programa SPSS para Windows (versão 18.0). A segunda fase de coleta de dados ocorreu a partir de uma entrevista semiestruturada, tendo em vista a análise do projeto individual enquanto do jovem atleta e as estratégias criadas a partir da história familiar.

Foi utilizado formulário de entrevista semiestruturada que pontuaram os seguintes eixos temáticos: I) Dados gerais; II) Relação com o esporte; III) Apoio no esporte: familiar, técnicos, professores ou conhecidos; VI) Família; V) Esporte e escola. Neste trabalho, utilizamos apenas as informações da segunda etapa da coleta de dados. De um modo geral, está concentrado na fala dos atletas sobre família e escola, contudo, cabe delimitar os assuntos que serão abordados. Sobre a família será apresentado falas sobre os membros que o apoiaram seja membro da família ou pessoas próximas. Sobre a escola o recorte será sobre a partir de aspectos que envolvem o assunto conciliação.

As entrevistas e os questionários foram aplicados mediante a permissão e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética.

ANÁLISES E RESULTADOS

A utilização da bolsa pelos atletas é uma maneira de permitir que eles deem continuidade às suas práticas esportivas com o mínimo de apoio. Para manter-se na perspectiva de chegar ao alto rendimento é necessário investimento financeiro desde a iniciação até a profissionalização. O valor da bolsa apenas auxilia em alguns aspectos como foi apontado pelos atletas entrevistados. A fala da atleta 16, do Ciclismo confirma esse sentido atribuído ao auxílio da bolsa. Quando perguntada sobre o que a bolsa ajuda, a resposta foi “em custos de viagem, hospedagem, alimentação de viagem, material para bicicleta, suplementação também”.

Pode ser debatido se o valor recebido deveria ser utilizado para finalidade de custear viagens e hospedagem por estarem relacionadas a ações que a equipe do atleta poderia ser responsabilizado, já que a atleta atua como uma funcionária do clube. A partir da fala da atleta pode ser destacado como o único investimento que ela se permite realizar em si com o valor recebido da bolsa é a aquisição de suplementos. Assim, fica exposto que a bolsa contribui não apenas para questões que envolvem o atleta, mas também, questões relacionadas a material e custeio de deslocamentos. Isso demonstra o quanto o esporte no Brasil ainda precisa ser debatido e problematizado em relação às questões da profissionalização de atletas residentes nas categorias de base.

A bolsa cumpre em partes como foi apresentado acima sua finalidade de auxiliar jovens atletas na construção da carreira, não há dúvidas que sem apoio financeiro oriundo das famílias, muitos atletas já teriam abandonado o esporte. Mesmo que o auxílio do programa contribua com o desenvolvimento dos atletas, ocorre a necessidade de as famílias investirem valores com o intuito de permitir que os atletas deem continuidade às suas carreiras.

Além da questão financeira, o atleta necessita de outros investimentos que não tem nenhuma ligação com o valor financeiro. Os apoios emocionais e psicológicos também fazem parte da construção de um atleta e diretamente recai novamente sobre a família as responsabilidades de manutenção desses aspectos, não apenas no sentido financeiro, mas, no apoio e na orientação. Em suma, a família do jovem atleta assume a preocupação com aqueles que estão à margem da profissionalização conciliando diversos pontos da vida social, entre eles os valores educacionais.

É sobre os pontos que envolvem a participação da família que este trabalho se concentra. Pretende-se permitir compreender melhor as ações que envolvem a formação a partir do conhecimento de casos em que a família atua na formação e construção de um atleta. Neste texto, serão trabalhadas as falas dos alunos/atletas em relação a família e a prática esportiva, os papéis sociais da mãe e do pai e o papel dos professores e colaboradores na formação esportiva. As falas refletem as situações vivenciadas cotidianamente por diversos atletas das categorias de base que assumem o interesse de participarem de equipes esportivas com o intuito de ser profissional, ou seja, possuem o desejo de viver apenas do que o esporte lhe oferece.

A família e a prática esportiva

O seio familiar se caracteriza como importante célula na formação da sociedade, responsável por contribuir na formação do indivíduo enquanto criança, adolescente e até mesmo durante a fase adulta. É difícil não compreender a família como núcleo central de formação da sociedade. A família é a formadora primária do indivíduo. Muitos jovens iniciam o seu interesse pela prática esportiva a partir dos hábitos que são vivenciados por meio da família.

A família se concentra na formação e preparação do indivíduo para a sociedade. Assim, a família apresenta questões relacionadas ao esporte, apesar dela ser um importante incentivador da prática e do desenvolvimento esportivo. Há em determinados casos a existência do temor por parte de agentes familiares envolvidos. É possível compreender essa posição a partir do olhar que se constrói para o esporte no Brasil. A formação esportiva é pouco valorizada, poucos atletas conseguem obter êxito em sua profissão. Dessa forma a

preocupação com assuntos relacionados tanto no sentido da formação profissional como em outros campos devem ser abordadas, permitindo a reflexão sobre os assuntos que estão em pauta na agenda de atletas aspirantes.

A atleta 1 relata que apesar de seu interesse pela modalidade sua mãe se posicionava de forma contrária a sua participação em treinos e competições que aconteciam da modalidade Kickboxing, modalidade que a atleta 1 praticava anteriormente, a mãe era contra, pelo fato de identificar um alto nível de violência. Além de modalidades ainda serem percebidas como é o caso das lutas um espaço dificultado para meninas conseguirem inserção. Contudo, uma tia da atleta entra em cena e sugere a inserção da jovem em outra modalidade, teoricamente menos violenta, assim, se estruturou o início da atleta na modalidade judô.

Entrevistador: Então, me conta sua história com o esporte. Com que idade você começou?

Atleta 1: No judô eu comecei tarde, comecei com uns 11 anos. Comecei com 11, através do Marco Antonio, eu praticava outro esporte, outro tipo de luta. Minha mãe falou que era para eu não competir porque era muito perigoso, para eu não ficar. Aí a mãe do Marco Antonio falou: “ah tenta o judô então”. Eu fui meio contragosto de cara emburrada, gostei e agora estou aí até hoje.

O atleta 2 também aponta a participação fundamental de um outro membro da família que não é o pai e a mãe. O papel exercido pelo avô do atleta foi fundamental, pela estrutura que a família do atleta assumiu, pais separados e cada um residindo, devido suas profissões, em estados diferentes. Dessa forma, quem se tornou responsável por acompanhar e auxiliar nos deslocamentos do jovem atleta no esporte foi o avô. Perguntado sobre pessoas que foram fundamentais na construção de sua carreira, o atleta imediatamente aponta seu avô como sendo de extrema importância no funcionamento da logística organizada no processo de formação esportiva.

Meu avô me ajudou bastante, meu avô era, tinha bastante treino de madrugada no período que eu era colegial ensino fundamental, ensino médio, já tinha essa rotina de dois treinos por dia, mas como pela manhã era o colégio, os treinos eram de madrugada, então era às 5:00 horas da manhã na água. Treinava de 5:00 horas às 7:00 horas na água, ia para escola e treinava à tarde e meu avô fez esse papel de motorista nas madrugadas e acordava às 4:00 horas da manhã para me levar (Atleta2).

Tanto no caso da atleta 1 como no caso do atleta 2 identificamos que pessoas ligadas à família de forma indireta tiveram importância no desenvolvimento na formação do atleta. A participação de outras pessoas não significa que os pais não participem ou apoiem a escolha dos filhos, mas, demonstra que devido a acontecimentos como a separação dos pais ou a rotina do cotidiano faz com que outros mecanismos envolvendo outras pessoas sejam construídos.

Foram apresentados dois resultados de casos que apontam a importância de pessoas ligadas a família, mas, que não eram responsáveis diretos pelos atletas. Analisando as falas dos atletas identificamos a importância compreendida por eles, em relação aos pais e as mães. O próprio atleta 2, reconhece que seu pai teve importância nessa construção principalmente por ter participado de forma ativa em relação aos aspectos financeiros que envolvem a carreira esportiva.

Em termo de família acho q meu pai, meu pai não tinha esse contato porque ele continuou morando em Aracaju, mas, em relação a questão financeira, foi sempre ele, foi ele, assim, o principal. Mesmo sendo pouco ligado ao esporte, sempre apoiou bastante em competições nacionais, brasileiros, ele sempre bancava (Atleta 2).

O atleta 3 que pratica a mesma modalidade que o atleta 2, aponta em sua fala a mesma situação. O pai se torna o maior e durante longo período ligado ao esporte o único patrocinador do desejo do filho de se tornar atleta de natação. Pela falta de incentivo e apoio inclusive do próprio clube que o atleta representa, em muitos casos ocorre essa situação na rotina de diversos atletas das categorias de base do esporte. O atleta tem que contar com o apoio financeiro oriundo da própria família.

Entrevistador: E quando você era atleta, você tinha algum outro tipo de apoio financeiro? Sem ser o bolsa atleta.

Atleta 3: Em geral, assim, não. Mais o meu pai mesmo.

Entrevistador: Seu pai?

Atleta 3: Aham

Entrevistador: E qual era os gastos que você tinha sendo atleta? Para viagem. O que você gastava?

Atleta 3: Compra de materiais, renovação de materiais, como fast, equipamentos de treino, as viagens em si, alimentação, e todo esse gasto, assim, em torno das competições.

Entrevistador: Então muitas vezes seu pai tinha que ajudar financeiramente para você viajar, ir para o campeonato?

Atleta 3: Muitas vezes.

Apesar das questões que foram apresentadas acima referente a participação com maior grau de interesse por parte de um membro direto da família, ou do incentivo e cuidado de membros como avós, tios e tias, também encontramos como no caso do atleta 10, a participação de ambos os pais no interesse de possibilitar o sucesso do filho. O atleta 10 participa da modalidade atletismo, e como foi informado na entrevista conta com o apoio dos pais na medida do possível para seu sucesso nas pistas. Como relata na sua fala.

Atleta 10: Sempre quando eu preciso de alguma coisa, tipo levar para competição, levar alguma coisa pra comer. Como minha mãe tem restaurante, ela sempre me dar alguma coisa. Vamos dizer “mãetrocínio” sempre tem.

No mesmo sentido, relatando o apoio dos pais o atleta 4, apresenta como sua família lhe proporciona apoio no cenário esportivo. O atleta conta com o apoio de todos os familiares. Independente se os pais não podem estar presentes, outros membros cumprem o papel de apoiadores, dessa forma, o atleta 6 sempre estava acompanhado em treinos e competições, exceto, quando foi para outro Estado. Na sua fala, podemos reforçar a questão do temor por parte da personagem da materna em relação ao esporte. Não apenas quando o filho deixa o estado para treinar em outra equipe.

Entrevistador: E o apoio da tua família?

Atleta 4: Minha família sempre me apoiou em tudo que eu almejei assim, tudo que eu quis por acreditar que fazia bem, ou seja, tudo que fazia bem para mim eles acreditavam em mim, me davam muito apoio. Meu pai então nem se conta. O meu pai fez de tudo para mim e ainda faz. Minha mãe era mais temerosa que meu pai.

O atleta 11 relata em sua fala quando perguntado sobre o apoio da sua família, um posicionamento de seus familiares de não oferecer cobrança, de não pressionar o atleta para conquistar bons resultados.

Entrevistador: me conta sobre o apoio e incentivo dos seus pais e sua família para você se tornar atleta?

Atleta 11: Ah, eles... quando eu vou numa competição eles não me cobram tanto, eles falam para mim dar o meu melhor e o que eu conseguir está de bom tamanho, para mim não ir pressionado, para mim ir e fazer o meu judô.

Família e papéis sociais

Os atletas relatam ao longo das entrevistas que os papéis sociais em especial do pai e da mãe em relação ao esporte é diferente. As histórias de iniciação esportiva que foram informadas apresentam o pai como sendo aquele que investe e acredita na formação esportiva. O pai é aquele que acredita que o filho chegará à profissionalização. Já em relação à mãe, os atletas se referem a ela como sendo um ponto de equilíbrio, não permitindo que os sonhos de formação esportiva sobressaíam na realidade. É a mãe que ocupa o papel de se preocupar com outros fatores, por exemplo, a escola ou outros afazeres. Também é relatado que há o apoio da mãe apesar de esse apoio sempre ser produzido juntamente com a preocupação com a escola. Porém, os participantes identificam um interesse maior na profissionalização esportiva por parte do responsável paterno do que materno.

A atleta número 18 aponta a participação dos pais em sua carreira. Apesar dos pais não terem sido atletas, o pai no discurso da atleta é o responsável direto por influenciar a sua permanência no esporte. O fato de pai ser professor de educação física e estar em meio ao debate esportivo, serve como fonte de incentivo para a filha. Já a presença da mãe a partir do que pode ser observado pela sua fala é menos ativa e influente do que a participação do pai.

Entrevistador: Alguém da sua família é atleta também, algum membro da sua família compete, me conta a história de sua família relacionado ao esporte?

Atleta 18: Bom, não tem muita história não. Sei que meu pai e minha mãe disseram que gostavam de correr, mas nada profissional, nada que, que tenha sido competição relacionada ao atletismo mesmo, meu pai se formou em educação física e hoje ele é professor de educação física. Então é mais um incentivo para eu continuar também. Hum, ele me incentivava também através disso.

Em outra entrevista a atleta número 6 também aponta a importância da família, contudo, nesse caso, o pai da atleta praticava a mesma modalidade que ela praticou. Apesar do apoio do pai, o mesmo não participa de forma ativa das competições. Além, da atleta comentar sobre o posicionamento da mãe, que sempre se demonstra preocupada com os estudos da atleta.

Entrevistador: Como era a ligação da sua família com a sua prática esportiva?

Atleta 06: Era bem assim, meu pai ele foi esportista, então, ele me apoiava muito, corria atrás de tudo da natação, comprava “aquele maiô” bom, que eu achava um absurdo pagar aquele valor lá e minha mãe muito ligada aos estudos. Então, minha irmã muito estudiosa, se destacava muito nos estudos e “eu se destacava” muito no esporte. Então sempre foi muito dividido. Mas nunca faltou apoio de nenhum dos lados. Meu pai me apoiava muito,

mas também não gostava de ir na competição comigo, me acompanhava de longe [...] nunca me pressionou demais. Isso que eu acho que me ajudou bastante, eu acho que foi a melhor forma que ele pôde me ajudar, entendeu? [...] Tem gente que gosta do pai muito perto e tem gente que não gosta. Meu pai ele não viajava comigo, mas sempre que eu precisava dele, ele estava lá. Então eu contava mais com ele na parte dos esportes. Agora minha mãe eu contava o resultado para ela, achava bom, tal e sempre me voltava com uma pergunta sobre os estudos. Então eu achava isso bom porque era um equilíbrio. Se eu tinha uma satisfação nos estudos estava ali para falar com a minha mãe, nos esportes estava indo falar com meu pai. Eles nunca bateram de frente quanto a isso, então me ajudou muito, era um equilíbrio da família mesmo.

Na fala de ambas as atletas pode ser percebido a influência mais ativa da personalidade do pai. O pai exerce o papel de incentivador e interessado pelas questões esportivas. A mãe participa como uma mediadora para que a tentativa da profissão esportiva não entre em conflito com outras áreas da formação social, como por exemplo, a formação escolar. Discurso percebido mais fortemente na fala da atleta 6.

Contudo, há uma diferença quando o pai é ausente por qualquer que seja o motivo. Nesses casos, foi identificado que a mãe acaba apoiando o atleta, ou seja, nesse sentido uma troca de papéis sociais a partir da ausência de um. Diferentemente das falas apresentadas acima, a fala abaixo representa justamente o posicionamento de uma mãe em relação a ausência do pai.

Entrevistador: Me conta sobre o apoio e incentivo dos seus pais ou familiares para o seu desenvolvimento no esporte.

Atleta 5: Então, minha mãe me ajuda bastante, cuida do meu psicológico, fala que vou conseguir e tal. Isso para mim já é muito bacana, sabe, no meu psicológico, para mim ficar tranquilo e tudo, dar meu máximo no treino, porque quando eu chego aqui tento esquecer de tudo, que se você ficar sempre se preocupando com uns problemas aí você não consegue treinar direito. Acho que é a mesma coisa de você estar trabalhando, assim e estar com os problemas na cabeça, eu tento esquecer tudo e isso minha mãe conversa bastante comigo também, para esquecer as coisas.

Diferentemente do atleta 5, a atleta 7 em um primeiro momento não teve apoio do pai, por se tratar de uma modalidade que envolve luta. Mas, com o passar do tempo, e a partir do apoio dos outros familiares, mãe e dois irmãos, o pai passou a aceitar a ideia de que sua filha havia se tornado judoca e passou a apoiar as ações da filha relacionadas ao esporte.

Entrevistador: E como foi aceite da sua família relacionado a você praticar o judô? Eles aceitaram, apoiaram ou houve aquele olhar meio torto?

Atleta 7: É, meu pai não gostava muito, porque ele achava um esporte muito masculino, luta. Mas, ele foi se adaptando vendo que fez com que eu crescesse muito, me ajudou muito, todas as coisas que eu faço o judô está associado. Então, ele aceitou e minha família toda agora me apoia.

Professores e colaboradores: membros da família

Há indivíduos que acabam por fazer parte da família dos atletas, não pelo fato de serem realmente membros da família ou possuírem laços sanguíneos, mas, pela consideração por terem sido importantes e estarem ligados diretamente aos atletas em relação a sua formação esportiva. Identificamos alguns casos que refletem isso, como no caso do atleta

5, que foi observado por um professor de educação física durante uma aula na escola, recebeu o convite para realizar testes e acabou sendo aprovado. Esse professor foi o responsável em ensinar os quatro nados que compõem os estilos da natação. Foi devido ao olhar de um profissional que o atleta foi identificado e deu continuidade à prática esportiva visando a profissionalização. Na semana em que ocorreu a entrevista, o atleta recebeu a informação de que havia conseguido ingressar na seleção brasileira de sua categoria. Hoje treina em um centro na cidade de Bragança Paulista juntamente com grandes nomes da natação paralímpica nacional.

Entrevistador: Como você começou no esporte?

Atleta 5: eu comecei no esporte quando tinha 9 anos, estudava numa escola de ensino fundamental em Bragança mesmo, aí o treinador, ex-treinador Miguel, ele achou que eu tinha jeito para nadador, ela já dava treino aqui e tudo, e me pegou e me convidou. O que você acha de fazer umas aulas lá? Aí eu falei: Tudo bem, vamos lá! Então, eu vim e gostei pra caramba do esporte e nunca tinha feito outro esporte na vida sabe, só tinha jogado futebol, assim, por brincadeira com os meninos da escola e tudo, mas algo sério mesmo foi na natação. Aí fiquei treinando 1 ano, treinando com o Miguel, tendo aula com o Miguel. Ele me ensinou quatro estilos. Então, me passou para o Marcão, que é o técnico da seleção brasileira agora.

Já o atleta 2 não identifica apenas o papel do treinador como um reconhecedor de talento, nesse sentido a perspectiva é semelhante ao atleta 5, mas, o atleta 2 traz em sua fala dois pontos interessantes que ajudam a entender e desenhar o cenário esportivo de atletas que estão iniciando a carreira. O primeiro ponto utilizando a fala do atleta, é a ideia do oferecimento de bolsas, algumas modalidades esportivas como é o caso da natação, são modalidades que na maioria das vezes são realizadas em espaços fechados, para sua realização o interessado tem que pagar uma mensalidade. A concessão de bolsa é uma forma de propiciar aos que não possuem condições de arcar com os valores, uma forma de estarem inseridos nesses espaços. Uma outra forma da oferta da bolsa é a mesma que ocorreu com o atleta 2. Pelo reconhecimento do seu potencial esportivo foi contemplado com uma bolsa que o isentava de qualquer pagamento.

Entrevistador: A gente vai entrar um pouco agora no aspecto da família dos treinadores, técnicos. Quais foram as pessoas fundamentais para você se tornar um atleta?

Atleta 2: Acho que foi em termo de treinador foi meu primeiro treinador que viu que eu tinha potencial e deu essa força e orientação. Eu entrei na equipe com 100 por cento de bolsa, ele viu que eu tinha potencial e foi o primeiro que identificou que poderia vir a ser um atleta de alto rendimento, acho que todos os treinadores eu aproveitei bastante, mas aprendi muitas coisas com o esporte e tudo acho que devo ao primeiro. O terceiro treinador que eu tive, que foi o que me ajudou nessa minha má fase de 2008, comecei a treinar com ele em 2009 e foi que eu tive essa volta, consegui melhorar e dar essa alavancagem.

Um outro ponto que o atleta apresenta no trecho acima é o papel do treinador como aquele que ajuda nos momentos de dificuldade. Nessa fala pode ser identificado que o treinador do atleta realiza a função de que outros atletas já identificados nesse texto, atribuem a família. O atleta informa que no ano de 2008 enfrentou um momento complicado em sua carreira, pensando inclusive em desistir de ser atleta. Como já estava residindo em São Paulo, dividindo um apartamento com outros dois nadadores, não havia família para estar presente nesse momento, assim, a escolha de trocar de treinador não correspondeu apenas a uma decisão técnica, mas também, em relação aos aspectos motivacionais. Abaixo

segue a fala do atleta em que comenta esse momento de “frustração” da carreira e reforçando a importância do treinador neste momento.

A frustração foi o período que eu passei acho que 2008, eu passei um momento de não estar melhorando resultado e inclusive cheguei até pensar em parar de nadar, não estava feliz com o que eu vinha fazendo, treinando e se dedicando, mas o resultado não estava vindo, então acho que foi o momento mais frustrante da minha carreira. Conforme não vem resultado, também não vem apoio de clube, de financeiro, a questão do financeiro se não vai bem você não está indo bem, fica difícil a manutenção. Mas, eu fiz uma mudança de treinador e aí eu dei uma alavancada, sai desse período de má fase e vim melhorando sempre a cada competição, eu estou melhorando nos tempos chegando mais próximo as seleções e aumentando meus resultados (Atleta 2).

O treinador não cumpre apenas o papel de observar e encaminhar tarefas para que se alcance a melhoria técnica, ele representa um orientador para seus pupilos. Destaco a fala do atleta 5 em relação a sua descoberta da possibilidade de conseguir o auxílio do programa bolsa atleta. Ele informa que a partir do resultado positivo que alcançou em uma competição nacional, o treinador o informou que seria possível conseguir a bolsa e auxiliou o jovem atleta a dar entrada no processo de solicitação.

Entrevistador: Como você conheceu o bolsa atleta?

Atleta 5: Então, o bolsa atleta, faz dois anos que eu estou recebendo a bolsa e foi meu treinador mesmo que falou para mim. Eu participei das Paraolimpíadas escolares, fui medalhista lá, ganhei. Se você ficar entre os três você consegue essa bolsa. Então, meu treinador verificou para mim e tal. Fiquei super feliz e ele foi lá e me ajudou em tudo. É muito importante sabe, porque às vezes você tem que abrir mão de muitas coisas, assim, da sua vida para se dedicar ao esporte e o dinheirinho é pouco mas ajuda bastante agente que é atleta.

Assim, como o atleta 5, o atleta 12 também encaminhou sua resposta quando questionado sobre como e quem o incentivou a se inscrever para concorrer a bolsa. O atleta 12 apontando como fundamental o papel do treinador, tanto no sentido de incentivador como na função de ser aquele que leva a informação da existência do programa e sua finalidade.

Entrevistador: Como você se inscreveu no bolsa atleta?

Atleta 12: Cara foi através do incentivo do professor. Ele chegou e falou: Pô Thi, corre atrás do bolsa atleta. Ele que foi atrás, para explicar para gente como que era e tudo, depois fui pegando a documentação e me inscrevi.

Entrevistador: Então você soube do programa através dele mesmo? Ou você já sabia?

Atleta 12: Não, não sabia, tive conhecimento através do professor.

O atleta 12 informa ainda a importância não apenas do seu treinador atual, mas, no decorrer da entrevista relata a importância de outros treinadores que anteriormente participaram da sua formação esportiva. Pode ser identificado que há sempre uma cobrança em relação ao cumprimento do horário de treinamento, e a busca de uma seriedade nos treinamentos, a seriedade e a dedicação seriam pontos essenciais ao sucesso, no entendimento dos treinadores, com esses pontos os resultados ao longo do tempo surgiram.

Entrevistador: E fora esse treinador, teve outra pessoa na sua família que te incentivou? Como era esse incentivo do seu treinador?

Atleta 12: Então, na verdade eu tive quatro técnicos que me ajudaram bastante, todos eles incentivaram muito, cobrava no treino, era sempre com puxão de orelha mesmo, não tinha moleza.

Entrevistador: Como era a cobrança?

Atleta 12: Era cobrando questão de horário, tinha que chegar no horário, chegar mais cedo para fazer o trabalho, ele ficava em cima vendo se estava fazendo o trabalho direitinho, porque querendo ou não a cabeça dá uma fraquejada na hora, aí rola aquele “miguê” no treino e ele estava lá para não deixar e te cobra ao máximo para você dar o seu máximo e chegar na competição você conseguir um resultado.

Durante as entrevistas surge um outro exemplo de como o esporte amador no Brasil é estruturado em determinadas modalidades. O atleta 8, assim como os demais atletas relatam a importância do treinador na descoberta e na orientação para realizar o requerimento da bolsa. O atleta no período da entrevista já estava inserido no campo do trabalho formal, o atleta atualmente trabalha em uma instituição pública, tendo sido aprovado em concurso público. Como o atleta narra, sempre que ocorrer sua convocação para a seleção, ele solicita um documento à confederação, esse documento comprova sua chamada para a competição e seus superiores no trabalho autorizam sua liberação para participação. Além do atleta já trabalhar, ele antes de tomar posse conquistou o bolsa atleta quando participava em duas modalidades: atletismo e futebol. A primeira seleção para receber o bolsa atleta foi a partir do atletismo, já a segunda originou-se pela sua participação no futebol, esporte em que atualmente é atleta.

Entrevistador: Como você descobriu o bolsa atleta?

Atleta 8: O bolsa atleta descobri quando eu estava no atletismo, aliás eu comecei com futebol, depois me dei bem no atletismo e parei um tempo com futebol. O atletismo, então, foi no atletismo que descobri, meu técnico falava, nossa, tem que ficar entre os três no Brasil, ou entre os três mundiais, ou paraolímpico e tal, só de ir para a paraolimpíada tem bolsa atleta. Eu fiquei entre os três no nacional do atletismo, então, realizei o requerimento da bolsa

O atleta 9 relata a importância de duas pessoas no incentivo de sua participação como atleta, uma é a professora de educação física da escola em que o aluno estudava, caso, que já foi comentado por outro atleta acima, e uma outra pessoa é um organizador do evento que a partir do resultado conquistado pelo atleta, percebeu seu talento para a modalidade e por perceber que se tratava de um aluno novo naquele espaço de disputa, se aproximou e fez contato com outros técnicos para que o aluno pudesse iniciar no esporte.

Atleta 9: Os jogos escolares ocorreram em Santa Maria. Todas as escolas se juntavam para participar da competição. A professora de educação física, agora eu não lembro o nome dela, me falou dos jogos, mas eu não estava muito animado para participar. Aí me colocaram no tênis de mesa. E eu não sabia jogar nada, só fui para participar mesmo. Aí joguei, participei e fiquei em terceiro. Então, uma das pessoas que estava organizando, olhou para mim e me falou: Você tem muito potencial para jogar. Isso já faz 6 anos que eu não pratico tênis de mesa.

As relações entre treinadores e atletas são relações de proximidade. O caso vivenciado pelo atleta 13 representa reações de cuidado e afeto que podem ser comparadas entre pais e filhos. O atleta foi relacionado para passar um ano em um centro de treinamento na cidade de Uberlândia, e mesmo com a distância, atleta e o ex-treinador mantiveram contato.

Atleta 13: Desde que eu iniciei, ele sempre acreditou em mim (treinador), e sempre está ao meu lado, até mesmo quando eu fui convidado para o centro de treinamento (Uberlândia), para ficar um tempo lá, ele sempre esteve junto comigo, me apoiou. Foi uma experiência muito boa lá. Ele foi uma das principais influências para que eu pudesse ir.

A atleta 15 aponta em sua fala mais personagens que atuam como contribuidores para que a carreira esportiva possa ser desenvolvida. Em sua entrevista a atleta informa que descobriu a existência do programa através de amigos que informaram da possibilidade de ser beneficiada.

Entrevistado: E como você se inscreveu no Bolsa Atleta?

Atleta 15: Foi através dos meus amigos, que falaram e aí eu corri atrás, pesquisei e encontrei.

A partir das entrevistas pode-se desenhar alguns aspectos que tem na família o ponto central na construção dos atletas. Entende-se que a família é a agência que desempenha importante função em relação ao desenvolvimento do talento dos seus membros, independente da faixa etária, a família é responsável em contribuir com aspectos positivos como possibilitar acesso à educação, o desenvolvimento pleno das potencialidades de seus membros e garantir que os direitos assegurados em lei sejam cumpridos (DESSEN; POLONIA, 2007). No caso dessa pesquisa, nos debruçamos em relação a jovens atletas que visam uma futura profissionalização no campo esportivo seriam os beneficiados por esses cuidados familiares. Oliveira e Marinho-Araújo (2010), reforçam esse sentido e valor que a família possui na sociedade quando informam que “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social” (p. 100).

Dentro da família seus membros dividem-se em apoiar ou não a rotina esportiva. Foi percebido que ocorre o respeito de todos os membros em relação a inserção e permanência do atleta, nas atividades de treinamento e competições, contudo, há aqueles membros que por não concordarem ou por terem a opinião que tal modalidade é arriscado, se posicionam temerosos em relação ao seguimento no campo esportivo. Há diferenciação das opiniões entre os pais e as mães, sobre a construção da carreira. Há mães que se posicionam a favor, porém, segundo as falas que foram observadas, é o pai que apoia de forma mais frequente e de forma mais intensa o jovem em suas tentativas esportivas. Assim, a mãe toma o posicionamento de se colocar mais preocupada com questões relacionadas a outros aspectos do cotidiano como os aspectos educacionais. Isso ocorre pelo fato de se acreditar que a escola oferece um poderoso conhecimento capaz de permitir melhores condições de trabalho e de disputa. O campo de trabalho está cada vez mais competitivo (YOUNG, 2007).

Um ponto que a sociedade moderna passou a assumir, é acreditar que quanto maior o capital institucionalizado, maiores são as possibilidades de empregabilidade. Assim, é interessante perceber como esse discurso fica cada vez mais enraizado em diversos níveis da sociedade. Dois pontos parecem ser fundamentais para que seja entendido esse posicionamento contrário a rotina de atleta de alguns membros da família, pelo o que foi observado com maior frequência esse papel compete à mãe. É notório que a sociedade crê hoje que quem possui um alto grau de escolarização tem indicadores que contribuem para aquisição de emprego no campo formal.

Outro ponto é o papel que o peso do nome das instituições educacionais tem no campo do trabalho, ou seja, quem pode ter frequentado espaços que são reconhecidos como sendo boas instituições educacionais acabam por ter maiores chances de empregabilidade, essa crença segue ganhando cada vez mais espaço em todos os níveis educacionais (BA-

LASSIANO; SEABRA; LEMOS, 2005). Nesse cenário também há a preocupação com um efeito que vem ocorrendo com mais intensidade com a expansão dos níveis de escolaridade, que é a desvalorização dos títulos escolares fruto da desenfreada emissão de diplomas e da ampliação da rede educacional, em especial, da rede particular de ensino.

Pelo fato de a escola ainda ser tida como espaço de aprendizagem e conhecimentos importantes. A família busca que a conciliação do esporte com a escola ocorra da melhor maneira possível. Em relação ao jovem atleta e sua rotina, a escola demonstra preocupação pelas possíveis faltas, pelos longos períodos de ausência devido às competições, pelo possível comprometimento do rendimento escolar, a dificuldade na compreensão do conteúdo em uma ou mais disciplinas que pode vir a interferir no resultado final em relação à escola. Em contraponto, às redes particulares de ensino ofertam bolsas de estudos para atletas que se dedicam e atingem bons resultados no esporte, mas há sempre cobrança instalada sobre esses “bolsistas atletas” para que haja um equilíbrio. Bons resultados devem vir acompanhados de boas notas.

A inserção no mundo do trabalho reflete “os tensos e intensos trânsitos dos jovens em direção à vida adulta, o trabalho persiste como realidade, como problema e como uma das dimensões importantes para a realização e para a melhoria das condições de vida” (CORROCHANO; FREITAS, 2016, p. 156).

Já os pais se envolvem na perspectiva de formação crendo que o sucesso do novo atleta é algo possível. Nunomura e Oliveira (2014 p. 126) informam que “os pais podem participar da vida esportiva dos filhos em três níveis diferentes nos quais o comportamento pode ser uma fonte de apoio ou estresse”. Há aqueles pais que são ativos na rotina de treinamento do jovem atleta; há aquele que acompanha, porém, não cobra tanto rendimento; e tem aqueles pais que não possuem nenhum interesse pela formação esportiva do filho. O incentivo dos familiares é fundamental: em si, é demasiado complexo; depende de diversos fatores diretamente relacionados construtivamente em termos das necessidades dos familiares e dos atletas (SIMÕES; BÖHME; LUCATO, 1999).

Identifico que os pais dos atletas entrevistados estão concentrados no que os autores identificaram como sendo ativos na participação tanto no acompanhamento como na cobrança pelo rendimento, como pode ser observado na história da atleta 18 e também em relação aqueles que apoiam, contudo não se envolvem, como o caso do pai da atleta 6. Já a terceira classificação, são aqueles como o ocorreu com a atleta 7, o pai não participa e não acompanha a rotina da filha, nesse exemplo, no início da carreira a atleta encontrou resistência por parte do pai, assim como, o papel da mãe é entendido pode ser identificado como as mães que apresentamos nesse cenário.

Um outro ponto que as entrevistas apresentam é como os atletas veem o valor da bolsa que recebem. Nas falas pode ser percebido que os valores não correspondem aos gastos que são realizados pelos os atletas para se manter em atividade. Nunomura e Oliveira (2014) apontam em seu trabalho que teve como objetivo identificar e discutir como os técnicos de Ginástica Artística avaliam a participação dos pais no desenvolvimento atlético dos filhos nas categorias de base. Para os autores, “os pais são os responsáveis por apresentar a prática esportiva às crianças e proporcionam os meios e os recursos necessários para que seus filhos se mantenham engajados no esporte” (p. 125). Assim, a conta desses custos entra no orçamento da família para manter o jovem no esporte, acaba por custear

todos os investimentos necessários para que o prosseguimento se torne real, o mesmo movimento foi percebido nas famílias dos atletas entrevistados.

Velho (2003, p. 101) aponta que a ideia de projeto se baseia na “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Dessa forma para elaboração de um projeto deve-se levar em consideração todo o contexto de vida do indivíduo, o passado, o futuro e as perspectivas futuras devem ser levadas em consideração já que são a partir delas, a partir do ponto que se deseja chegar que serão elaboradas as estratégias para determinado fim.

Além das famílias, entram em cena na construção de projeto esportivo, treinadores e colaboradores que no desenvolvimento da carreira de atleta ocupam papel importante. São pessoas que paralelamente com a família, criam uma rede de sociabilidade que contribui com o aumento das possibilidades de sucesso no campo esportivo (BOTT, 1950; ELIAS, 1992). Tal fato foi constatado nas falas dos atletas, quando os mesmos destacam que são os treinadores que informam aos atletas a existência e a possibilidade de concorrer ao benefício esportivo. Isso apresenta uma lacuna gerencial do desporto amador, já que não foi narrada nenhuma outra forma dos atletas terem conhecimento da possibilidade de concorrer para ser selecionado no programa. Dessa forma os treinadores e colaboradores acabam pelas ações de apoio e incentivo sendo inseridos de alguma forma na família, ou são identificados como uma nova família para os atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, a narrativa dos atletas apontou para elementos que contribuíram para a sua aproximação com a meta de se tornar um atleta profissional. O investimento familiar foi percebido de forma intensa nos casos investigados. Se por um lado a figura paterna demonstrava maior apreço pela formação esportiva; por outro, a mãe estabelecia uma estratégia de mediação da dupla carreira. Todavia, ambos foram importantes para que os atletas colocassem em curso o projeto individual voltado para a carreira esportiva. Além dessas figuras, professores e treinadores também foram apresentados como elementos das redes de sociabilidade dos jovens atletas e que exerceram forte influência na decisão em investir na formação esportiva. Esses dados nos ajudam a compreender que os projetos individuais de carreira são forjados em uma rede de relações complexas entre o jovem atleta e seus laços mais próximos. E que sem esse apoio nessa rede social, dificilmente os jovens atletas teriam o mesmo esforço para conseguir avançar na profissionalização esportiva.

Por fim, assumimos que o trabalho tentou demonstrar em pequena escala as razões válidas para que o projeto de carreira esportiva fosse colocado em prática. Indicamos que as estratégias adotadas para a permanência no esporte dependiam também do apoio nessa rede social, a qual ajudava os atletas a compreender que havia uma oportunidade de profissionalização na via esportiva. Pensamos que o trabalho, mesmo com seus limites, contribui para continuarmos aceitando que a rede de sociabilidade do indivíduo pode ser importante para a interpretação do investimento na dupla carreira.

REFERÊNCIAS

- BALASSIANO, M.; SEABRA, A. A. de; LEMOS, A. H.. **Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do capital humano?**. RAC, v. 9, nº 4, p. 31 -32, Out/Dez. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/27475/1/EmpregabilidadeModalidadeFormacao.pdf> Acesso em 27 de mar. 2025.
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- CORREIA, Carlos Augusto Jourand. **Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- COSTA E SILVA, Andre Luiz da. **Esporte e Escolarização: projetos, biografias e programa governamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2016.
- ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S.. A participação dos pais na carreira das atletas femininas e ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, vol. 28, nº 1, p. 125-134, Mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/YyjsCP4hJ5tF5VTY6JKPq3n/abstract/?lang=pt> Acesso em 27 mar. 2025.
- OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAUJO, C. M.. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas , v. 27, n. 1, p. 99- 108, Mar. 2010 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 Abr. 2016.
- SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S.; LUCATO, S.. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista paulista de Educação Física*, v. 3, n. 1, p. 34-45, 1999.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- YOUNG, M.. Para que servem as escolas?. **Educ. Soc., Campinas** , v. 28, n. 101, p. 1287-1302, Dec. 2007 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 Abr. 2016.